

Entre fios e raízes podcast: A história das tranças afro e a realidade das trancistas de Santa Maria¹

Maria Eduarda Silva da Silva²

Maicon Elias Kroth³

Universidade Federal de Santa Maria - UFSM

Resumo

Este texto apresenta o trabalho da construção de uma série de podcasts de jornalismo narrativo (Viana, 2021) chamada *Entre Fios E Raízes*, que conta a história das tranças afro e a realidade das trancistas em Santa Maria (RS). Trata-se de um projeto de experimentação jornalística equivalente ao Trabalho de Final do Curso de Graduação em Jornalismo na UFSM. A pesquisa para desenvolver este conteúdo jornalístico parte da proposta de compreender como as tranças e o trabalho das trancistas representam identidade, resistência e ancestralidade no contexto da cidade. Para unir jornalismo, memória e estética, a metodologia para produzir o projeto incluiu pesquisa bibliográfica sobre a temática, entrevistas com mulheres negras, produção e edição de episódios roteirizados, engajamento de ouvintes e divulgação em plataformas digitais da série de podcast de jornalismo narrativo. Embora ainda inicial, o projeto já mostra sua importância como instrumento de escuta, valorização cultural e visibilidade para narrativas historicamente silenciadas.

Palavra-chave: Projeto Experimental; Jornalismo Narrativo Sonoro; Podcast; Tranças africanas; Entre Fios e Raízes.

1. Introdução:

Este trabalho experimental tem como objetivo narrar a história das tranças afro e revelar a realidade vivida pelas trancistas na cidade de Santa Maria (RS). A escolha pelo formato de podcast jornalístico narrativo nasce do desejo de unir jornalismo, memória, estética e ancestralidade por meio de uma linguagem sonora imersiva e sensível. A proposta busca dar protagonismo às mulheres negras trancistas, que atuam como guardiãs de saberes ancestrais e impulsionadoras do afroempreendedorismo local. A metodologia adotada é qualitativa, fundamentada nas características de produção de podcast de jornalismo narrativo (Viana, 2021) e que dá vida ao podcast *Entre Fios e Raízes*.

¹ Trabalho apresentado na IJ04 – Audiovisual e Mídias Sonoras do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Acadêmica do 7º semestre de jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) - E-mail: maria-silva.2@acad.ufsm.br

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) - E-mail: maicon.kroth@ufsm.br

Segundo a PodPesquisa 2024/2025, o consumo de áudio no Brasil continua em alta, com o podcast consolidando-se como um dos formatos preferidos entre os brasileiros. O levantamento aponta que 40,23% da população já consome esse tipo de conteúdo regularmente, evidenciando crescimento em relação à edição anterior da pesquisa. Os hábitos de escuta costumam ocorrer de forma integrada a outras atividades cotidianas, como trabalho (31,61%), estudos (23,56%) ou tarefas domésticas (40,23%), e o tempo médio semanal dedicado ao formato gira em torno de 10 horas. No que se refere ao perfil dos consumidores, destaca-se o predomínio do público masculino (64,66%), seguido por mulheres (35,06%) e pessoas de outro gênero (0,29%). Quanto à raça, a maioria dos ouvintes se autodeclara branca (70,11%), enquanto 18,68% se identificam como pardos, 8,62% como pretos, 0,86% como amarelos e 0,29% como indígenas, indicando um cenário ainda marcado por desigualdades de gênero e raça, e reforçando a importância de iniciativas que ampliem a diversidade na audiência e na produção. Em termos de conteúdo, os gêneros mais populares são entretenimento (23,79%), comédia (23,07%), notícias e política (23,79%), educação (15%) e tecnologia (10%). Vale destacar ainda o crescimento dos podcasts jornalísticos, utilizados por 30% dos ouvintes como uma das principais fontes de informação.

O processo de construção deste trabalho envolveu etapas articuladas, entre elas a aplicação de uma pesquisa por meio de um questionário online, com perguntas abertas e fechadas, voltado à compreensão do público-alvo. O objetivo foi entender os hábitos de consumo de conteúdo, a familiaridade com as tranças afro e as plataformas preferidas para escuta. Por meio de perguntas mais detalhadas, buscou-se ainda captar vivências, percepções e desejos de quem utiliza ou se relaciona com essa estética.

Aliada aos dados obtidos com o questionário, uma ampla pesquisa bibliográfica fundamentada em autoras e autores como Viana (2021), Kischinhevsky (2018), Clemente (2020), Gomes (2019) e Santos (2013; 2019) e entre outros, para constituir estofo teórico/conceitual a respeito da temática, organizou-se um planejamento de produção. As técnicas de gravação contemplam captação de sons ambientes, efeitos sonoros e trilhas musicais, com o intuito de criar uma narrativa sensível e imersiva. As entrevistas previstas serão realizadas com trancistas que atuam em Santa Maria, selecionadas pela trajetória, envolvimento com a estética afro e atuação no afroempreendedorismo. Também serão ouvidos clientes dessas profissionais, buscando

compreender motivações, percepções e vínculos afetivos relacionados ao uso das tranças.

A seguir, apresenta-se a base teórica que sustenta este trabalho, com foco no cabelo e nas tranças como símbolo de identidade, resistência e pertencimento na cultura afro.

2. O cabelo como expressão de identidade e resistência na cultura afro

Com o passar do tempo, os cabelos passaram a ser mais do que simples estruturas biológicas, tornando-se portadores de significados culturais, ideológicos e identitários. Segundo Gomes (2006),

Podemos compreender o corpo da seguinte forma: Ele se manifesta, pelo movimento ou comportamento, o qual se realiza numa ação que se projeta sempre para fora dela mesma, em direção ao outro, ao mundo, nos limites da perfeição e do trabalho. O sujeito, por meio do corpo, expressa algo e realiza uma ação determinada. Ele é um símbolo nas relações de poder e de dominação para classificar e hierarquizar grupos diferentes. O corpo é uma linguagem, e a cultura escolheu algumas de suas partes como principais veículos de comunicação. O cabelo é uma delas (GOMES 2006, p. 261).

Neste sentido Moura (2007) destacam que:

Em uma sociedade capitalista, o culto ao corpo é extremamente forte no sentido comercial: o eu físico tornou-se a base dos nossos sentidos e da nossa apreciação do mundo. É no corpo que se dão as sensações, as pressões e as apreciações. Esses não acontecem de forma autônoma, mas estão intimamente entrelaçados, constituindo uma estrutura – a sua forma de corpo. É essa forma que garante o modo de ser-no-mundo e se torna possível o entendimento de como as relações são construídas no mundo (MOURA, 2007, p. 18).

Sendo assim, as tranças surgem como contra-narrativas, reafirmando a estética negra como legítima forma de beleza e poder simbólico. Lody (2004) enfatiza:

Trançados, untados de óleos e gorduras; com pigmentos que vão do barro ao azul índigo; adornados de búzios, penas, fibras, tecidos, ouro, contas de coral, marfim, âmbar, vidro, material reciclado, plástico, metais, papel e tudo o mais que, incluído no penteado, manifesta expressão e desejo de experimentar e revelar o belo, que é antes de tudo identidade (LODY, 2004, p. 13).

Para além da estética, as tranças possuem valor histórico e cultural profundo. Nesse contexto, as tranças não são apenas um símbolo estético, mas também um poderoso instrumento de resistência e afirmação cultural, cujo significado ganha vida especialmente pelas mãos das trancistas, consideradas guardiãs de saberes ancestrais que entrelaçam história, identidade e futuro.

2.1 Trancistas: Tecendo identidade, resistência e ancestralidade

Segundo Clemente (2010), “As trançadeiras são as mãos de sabedoria, conectadas com a relação dos negros e tudo que foi vivido pelos seus ancestrais. As trançadeiras são Griôs, guardiões das memórias africanas, na palma das suas mãos” (p.14).

Esse ofício carrega um saber ancestral que vai muito além da técnica. Como afirma Barreira (2021. p.11),

Ao falarmos de tranças, estamos falando de um campo amplo que envolve não apenas quem usa, mas também quem as produz — trancistas, cabeleireiras (os) étnicas ou afro, ou ainda, trançadeiras — denominações que variam de acordo com a região e que demonstram a riqueza desse universo.

A atuação das trancistas, contudo, vai além da preservação cultural e do resgate da ancestralidade. Ela promove beleza e autoestima, especialmente entre mulheres negras que, historicamente, foram pressionadas a apagar sua identidade através de alisamentos e padrões eurocêntricos de beleza. Barreira (2021, p.12) ainda destaca que “muitas pessoas passaram por procedimentos químicos em busca de aceitação social, o que impacta sua identidade e a saúde capilar”. Nesse contexto, as tranças podem oferecer um caminho de retorno ao natural e ao pertencimento.

A autora Gomes (2002) lembra que o trançar acompanha a história do povo negro desde a África, mas seus sentidos se transformaram no tempo. Hoje, ao trançar o cabelo das crianças negras, muitas famílias fazem um gesto político e cultural, de cuidado e resistência. Essa estética que começa na infância negra é celebrada na multiplicidade de tranças e adereços coloridos que expressam identidade e alegria.

Ao longo dos anos, as tranças passaram a ocupar também espaços simbólicos na luta por representatividade e reconhecimento, atravessando disputas sobre o que é belo e sobre quem pode ocupar lugares de visibilidade. Segundo Nogueira (2024, p.3):

A trança afro não é mais usada como usavam nossos antepassados, como forma de identificar etnias, estado civil, hierarquia, indicar caminhos de fuga, porém criam novas narrativas e usufruem desse saber como forma de gerar valor financeiro. O uso do patrimônio imaterial – as tranças afro – como atividade geradora de renda integra o afroempreendedorismo, que por sua vez movimenta a indústria criativa.

E os autores Costa e Binja (2023) reforçam:

As tranças são mais do que um mero ornamento e cuidado do cabelo, mas a expressão viva do feminino, da identidade pessoal enquanto singularidade na pluralidade, e enquanto identidade coletiva – o pertencer ao grupo social e ocupando o espaço da ancestralidade (p. 95).

Além da dimensão estética, esse fazer cotidiano carrega um profundo sentido político e afetivo. Como define Santos (2022, p.2), “ [...] as trancistas e trançadeiras foram militantes silenciosas por uma estética negra afirmativa. Com seus trabalhos, elas resgataram e contribuíram na reconstrução de autoestima de gente preta.”. A ancestralidade, nesse contexto, também se faz presente. Para Santos (2022):

Ser trançadeira é ser escolhida pela ancestralidade [...] Por isso, lembre-se sempre que trançar cabelos é trabalho de muitas mulheres pretas e é sobretudo uma importante manifestação cultura afrodiaspórica, das culturas de terreiros, das culturas das comunidades negro-africanas. Um modo de afeto perpassado de geração em geração. (p.3)

Com a expansão do mercado das tranças e novos espaços passaram a ser ocupados por mulheres negras, como nos salões de beleza, ambientes que, historicamente, reproduziram padrões estéticos excludentes e apagaram traços afro. Neste sentido, surge o afroempreendedorismo como uma estratégia de resistência e autonomia financeira, impulsionado por mulheres que transformam o trançar em prática profissional, fonte de renda e afirmação identitária.

Sendo assim, a escolha pelo podcast de jornalismo narrativo como linguagem se justifica pela sua capacidade de promover uma escuta imersiva, acessível e afetiva, capaz de dialogar com diferentes públicos por meio de narrativas sonoras envolventes.

3. Podcast de jornalismo narrativo: Construção imersiva de narrativas sonoras

A escolha pelo podcast jornalístico narrativo foi influenciada por experiências anteriores da autora no radiojornalismo dentro da faculdade e fundamentada em autores como Viana (2021) que destaca a importância das estratégias sonoras na criação de uma experiência imersiva em podcasts narrativos.

Na confecção deste trabalho, serão incluídas as sete categorias técnicas descritas pela autora que intensificam a conexão do ouvinte com a narrativa, como por exemplo: a “humanização do relato”, a utilização da “primeira pessoa”, “condução emocional”, “sonoras” e por fim, a “ambientação sonora” e o “metajornalismo”, todas com o objetivo de proporcionar uma melhor experiência possibilitando uma reflexão crítica sobre o próprio processo narrativo, conscientizando o ouvinte sobre os elementos utilizados na construção da história. Neste sentido, Lindgren (2020) complementa essa perspectiva ao afirmar que,

Diferentemente de histórias produzidas para as telas, em que emoções são representadas de forma visual, histórias em áudio (prontamente disponíveis em smartphones) exploram nossas vidas por meio de sons e da palavra falada, sussurradas intimamente em nossos ouvidos. O espaço personalizado de escuta criado por fones de ouvido acomoda ainda mais o vínculo criado entre as vozes na história e o ouvinte (LINDGREN 2020, p.144).

Além disso, o formato é sustentado pelas reflexões de Jenkins (2009), Reges (2021), Kischinhevsky (2018) e Herschmann (2008), que abordam a cultura da convergência e o papel das mídias digitais na construção de narrativas participativas e descentralizadas. Para Jenkins (2009, p. 25), a convergência refere-se ao “fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação”. Mais do que um simples avanço tecnológico, o autor enfatiza que essa transformação deve ser entendida como um processo cultural: “A convergência representa uma transformação cultural à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos de mídia dispersos” (JENKINS, 2009, p. 29-30).

Segundo Herschmann e Kischinhevsky (2008, p. 102), “o podcasting desperta especial interesse [...] e vive um momento de redefinição, diante da revolução trazida pela convergência tecnológica”. Nesse contexto, os autores destacam que “no

podcasting, diferentemente da radiodifusão convencional, a recepção é assíncrona; cada indivíduo decide quando e onde vai ouvir o conteúdo assinado” (HERSCHMANN; KISCHINHEVSKY, 2008, p. 103). Além dessa característica, o podcast se diferencia de outras mídias por exigir apenas a audição, possibilitando que os ouvintes realizem outras atividades simultaneamente. Como destaca Reges (2021, p. 10):

Por exigir somente a audição, é que o rádio e o podcast nos liberam para desenvolver outras atividades simultâneas ao consumo: estamos no carro, nos afazeres de casa, na rua e ele está ali, sempre presente. Diferente, por exemplo, da televisão, que nos exige também a visão. Mesmo tendo características em comum, essas duas mídias possuem diferenças significativas: o podcast pode apresentar formatos semelhantes a programas de rádio, mas não segue um padrão único, seus conteúdos podem ter assuntos e durações variadas, enquanto no rádio temos a grade de programação linear, transmitida ao vivo, como um fator limitador. (REGES, 2021, p.10).

O podcast se apresenta como uma mídia potente para dar visibilidade a vozes marginalizadas, funcionando como tecnologia de escuta e espaço de disputa simbólica.

4. Considerações finais:

Por fim, o podcast *Entre fios e raízes* se configura como um espaço onde memória, estética e ancestralidade se entrelaçam de forma sensível, potente e respeitosa. Para mim, enquanto pesquisadora e comunicadora, esse trabalho representa a chance de dar visibilidade a histórias muitas vezes marginalizadas, ampliando o jornalismo narrativo com vozes que expressam identidade, resistência e herança cultural. Ao explorar recursos sonoros, a produção promove uma escuta imersiva e afetiva, criando uma experiência envolvente ao ouvinte.

Para quem se reconhece nas raízes da cultura afro, a obra busca oferecer um espaço de identificação e pertencimento, destacando as tranças como expressões coletivas de memória e identidade. Às trancistas de Santa Maria e de outras regiões, o projeto valoriza seu ofício como arte ancestral, linguagem estética e caminho de fortalecimento pessoal e econômico. Assim, a produção se configura como um instrumento de reconstrução da memória coletiva, entrelaçando tempos e histórias a cada fio trançado.

Referências:

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PODCASTERS (ABPod). *PodPesquisa 2024/2025*. [S.l.]: ABPod, 2025. Disponível em:

https://abpod.org/wp-content/uploads/2024/10/PodPesquisa_2024_2025FINAL-1.pdf.
Acesso em: 31 mar. 2025.

BARREIRA RODRIGUES, T. R. **O cabelo da mulher negra como signo ideológico: reflexos racistas versus refrações empoderadas.** *Identidade!*, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 159–177, 2021. Disponível em: <https://revistas.est.edu.br/Identidade/article/view/379>. Acesso em: 9 maio. 2025.

CLEMENTE, A. F. **Trança afro – a cultura do cabelo subalterno.** 2010. 15 p. (Monografia) - Universidade de São Paulo - USP, Escola de Comunicações e Artes – ECA. Disponível em: http://celacc.eca.usp.br/?q=pt-br/tcc_celacc/trancas-afro-cultura-cabelosubalterno

COSTA, B. A. P.; BINJA, E. J. B. **A arte africana na diáspora: as tranças na manutenção da vida.** *Revista Eletrônica Mutações*, v. 15, n. 24, p. 91–102, 2023. Disponível em: <https://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/relem/article/view/11921>. Acesso em: 21 jun. 2023.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GOMES, Nilma Lino. **Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?** *Revista Brasileira de Educação*, p. 40-51, 2002.

HERSCHMANN, Micael; KISCHINHEVSKY, Marcelo. A “geração podcasting” e os novos usos do rádio na sociedade do espetáculo e do entretenimento. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, v. 15, n. 37, dez. 2008. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/4806>. Acesso em: 05 mar. 2025.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência.** 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio em episódios, via internet: aproximações entre o podcasting e o conceito de jornalismo narrativo.** *Revista de la Asociación Española de Investigación de la Comunicación*, v. 5, n. 10, p. 73-80, 1 nov. 2018.

LINDGREN, Mia. **Jornalismo narrativo pessoal e podcasting.** *Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora*, v. 11, n. 1, 3 jul. 2020.

LODY, Raul. **Cabelos de Axé: identidade e resistência.** Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2004.

MOURA, Juliana Martins. **Raízes da beleza: cabelo como símbolo de representação cultural na sociedade de consumo.** 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda) – Centro Universitário de Brasília (Uniceub), Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, Brasília. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/123456789/1820>. Acesso em: 17 mar. 2025.

NOGUEIRA, Débora de Araujo. **As tranças africanas como Patrimônio Imaterial e a ressignificação desse saber ancestral na cultura afro-brasileira.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 47., 2024, Itajaí. *Anais [...]*. São Paulo: Intercom, 2024. Disponível em: <https://sistemas.intercom.org.br/pdf/submissao/nacional/17/07222024170415669ebb3f84adb.pdf>. Acesso em: 11 maio 2025.

REGES, Egenara Padilha. **Podcasts jornalísticos diários brasileiros: uma análise de gêneros e formatos. 2021.** 60 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade Federal de Santa Maria, Frederico Westphalen, RS, 2021.

SANTOS, Luane. A cultura das tranças afro: um saber ancestral negro-africano. *Alajô em pauta*, 19 ago. 2022. Disponível em: <https://alajoempauta.blogspot.com/2022/08/a-cultura-das-trancas-afro-um-saber.html>. Acesso em: 11 maio 2025.

VIANA, Luana. **O áudio pensado para um jornalismo imersivo em podcasts narrativos.** *Comunicação Pública*, v. 16, n. 31, 2021. <https://doi.org/10.34629/cpublica.72>. Acesso em: 11 maio 2025.